

Caiçaras frente à mudança: transformações na Comunidade de Camaroeiro em Caraguatatuba/SP (1950-2010)

*Alex Sandro Santos Fonseca**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar sob uma perspectiva histórica as transformações e as apropriações da cultura na comunidade caiçara de Camaroeiro em Caraguatatuba, Litoral Norte do estado de São Paulo, no decorrer da segunda metade do século XX e início do XXI. Nas últimas décadas a cultura caiçara experimentou fortes transformações, principalmente em seu elemento mais patente: o trabalho com a pesca e a relação do caiçara com o mar. Neste processo de mudanças alguns fatores foram determinantes para este fenômeno no município de Caraguatatuba, como a urbanização acelerada a partir da década de 1950. Neste contexto, as mudanças na paisagem, na sociedade e na economia provocaram alterações importantes na cultura caiçara e implicaram em diferentes formas de apropriação desta cultura. Dessa forma, este artigo visa analisar como tais fenômenos impactaram no cotidiano, nas relações e no modo de vida do caiçara, estabelecendo diálogo teórico e metodológico a partir da convergência de temas que compreendem a História e as Ciências Humanas.

Palavras-chave: Cultura caiçara. Comunidade de Camaroeiro. Transformações.

Introdução

A relação entre memória e história rendeu a partir da década de 1980 intensos debates, nos quais se buscava definir suas afinidades. Contudo, a partir desses debates acerca dessa relação, o que se estabelece é a distinção entre uma e outra em suas respectivas relações com o passado (D'ALÉSSIO, 1992/1993). Segundo Lowenthal (1998), passado e presente interagem, uma vez que o passado irrompe no presente através da memória, ou seja, torna-se presente a partir da rememoração e a partir de uma visão do presente. Por outro lado, História e historiografia se fazem a partir de uma operação intelectual que deve, sobretudo, respeitar rigores metodológicos articulados por uma perspectiva teórica evidente. A historiografia trata de acumular (criticamente) dados do passado, no qual efetua escolhas, hierarquizações, privilégios, reserva e descarte (DE CERTEAU, 1982). A memória atua no sentido de interação entre esquecimento e conservação, esta, pois, se articula com o presente, se reafirma a partir da coexistência com o próprio presente e com o qual estabelece não uma alteridade, mas uma simbiose (LOWENTHAL, 1998).

A memória coletiva é construída por tradições e processos educativos, sendo que vai além das experiências individuais. Engloba a experiência social, lembra-se do que não se viveu e trata-se a memória coletiva como própria, o indivíduo toma a memória social para si. A memória coletiva só é significada a partir de um grupo, do qual se compartilha lembranças significativas comuns. Além disso, a memória coletiva necessita de construtos materiais sobre os quais se significa, ou seja, lugares e paisagens partilhados, assim como as lembranças, e que irrompem no presente como objetos do passado. A concepção da distinção varia na produção da memória, na interpretação e também de acordo com a sociedade e o espaço (geográfico) em que ela se desenvolve (HALBWACHS, 1990).

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas,

quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2004, p. 31).

O relato, a descrição e as diferentes formas narrativas eram o meio pelo qual os indivíduos iletrados, detentores de determinados conhecimentos, encontravam para a manutenção e desenvolvimento das relações das comunidades. Na oralidade se baseavam as relações sociais e por meio da oralidade a cultura era transmitida e ressignificada (GOODY; WATT, 2006). A oralidade permite a memória como seu mecanismo de transmissão, como formas de elaborações mentais de pensamento e rememoração por meio da palavra, sobretudo, pela constante reelaboração que no processo de transmissão oral articula esquecimento, conservação e também acréscimos (LOWENTHAL, 1998).

Neste contexto, projetos que visem à preservação e difusão da memória se apresentam como forma de conhecer, reconhecer, apreciar e salvaguardar a memória histórica de uma comunidade. Busca-se, a partir da inserção dos estudos dos patrimônios culturais, da memória coletiva e da oralidade, um meio para a manutenção e preservação de identidades, e dessa forma recuperam-se relações de pertencimento. A preservação da cultura oral de comunidades tradicionais se revela como meio decisivo para que esses costumes e tradições se mantenham vivos, uma vez que as demandas do mundo contemporâneo impelem o homem a cada vez mais a se apartar de seu meio cultural. Memória e cultura popular são duas dimensões que por vezes se entrelaçam, uma vez que a memória é instrumento de transmissão e difusão de saberes, crenças e experiências e se revela como mecanismo indispensável para promoção da resistência e preservação das expressões culturais.

A Comunidade de Camaroeiro em Caraguatatuba

A cidade de Caraguatatuba, em seu contexto de formação e emancipação, foi marcada por uma forte presença de expressões culturais diversas (CAMPOS, 2000). Entre as diferentes culturas, a

cultura caiçara é traço marcante na formação da identidade local e na formação de comunidades tradicionais, que se estabelecem a partir de suas relações de trabalho, recreação e socialização, tendo como meios próprios as terras próximas ao mar e aos rios. No caso de Caraguatatuba, uma importante comunidade tradicional é a de Camaroeiro, devido ao nome da praia em que cerca de vinte famílias se estabeleceram originalmente no ano de 1927 (PETROBRAS, 2009). A cultura dessa comunidade passa atualmente por um patente processo de transformação, seja em relação ao trabalho, seja em relação às relações de sociabilidade ou à religiosidade. Estas transformações têm sua principal causa no intenso processo de urbanização que o município de Caraguatatuba enfrentou a partir da década de 1950, atingindo seu ápice com 98% de sua população habitando áreas urbanas na década de 1980 (GIGLIOTTI; SANTOS, 2013).

Segundo registro de uma pesquisa realizada pelo Programa de Ação Participativa para a Pesca da Petrobras (PETROBRAS, 2009), a tradição da pesca dessa comunidade tem seu início em 1927. Neste período, as famílias se reuniram na Praia de Camaroeiro porque esta parte do município estava bem posicionada geograficamente, como um porto natural para entradas e saídas de canoas e barcos. Este fato propiciava o estabelecimento de ranchos, para o abrigo das tralhas de pesca, e moradias. No caso dos moradores da Praia de Camaroeiro, sua proximidade com o Centro proporcionou um contato mais precoce com o meio urbano, o que alterou sua configuração como “Comunidade Tradicional” um pouco antes dos demais bairros caiçaras que gradualmente espalhavam pelas praias do município.

Segundo Diegues (2004), estes processos de mudanças são inerentes à cultura caiçara, devido às alterações nos ciclos agrícolas, à proximidade e estreita relação comercial com os centros urbanos e, posteriormente, à especulação imobiliária em torno das áreas próximas às praias. Os caiçaras aos poucos foram deixando seu território e ocupando regiões periféricas dos municípios do litoral.

Neste contexto, este trabalho busca focar-se na comunidade do Camaroeiro em Caraguatatuba (SP), especificamente alguns aspectos referentes a sua cultura e sua territorialidade. Destacam-se

o acelerado crescimento urbano do município de Caraguatatuba, o crescimento populacional devido aos processos migratórios no decorrer das décadas de 1960, 1970 e 1980, assim como o incentivo ao turismo e a expansão das religiões evangélicas como fatores determinantes para os fenômenos de transformação e alteração na cultura caiçara a partir do que seu espaço de difusão torna-se um espaço de conflito e campo para transformações na cultura do local como um todo (DIEGUES, 2004; PETROBRAS, 2009).

A partir deste pressuposto, este trabalho buscou também como base as memórias e relatos dos moradores da região do Camaroeiro como forma de construir um panorama da concepção de cultura tradicional desta localidade, o trabalho com a pesca, a fé no santo padroeiro e as novas significações que se constroem no âmbito de uma configuração territorial e suas subjetividades.

O conceito de cultura popular

O conceito de cultura popular toma forma a partir dos estudos voltados ao levantamento de manifestações tradicionais das classes subalternas entre os séculos XVIII e XIX. Com a expansão industrial e o crescimento das cidades, iniciou-se um processo de mudança nas percepções do homem em relação às questões cotidianas. Neste sentido, a sensibilidade e significação, construídas a partir das antigas demandas que se propunham no dia a dia, foram alteradas diante de novas necessidades. Assim, o homem, alinhado em modos de produção ligados a terra, à produção artesanal, aos longos ciclos e às trocas foi compelido à produção industrial, à carga horária e ao salário (THOMPSON, 2005). Neste contexto, costumes e tradições populares foram perdendo instrumentos e agentes para sua difusão. Este fenômeno tornou-se objeto de preocupação de folcloristas que dedicaram seus trabalhos no sentido de catalogar e recuperar costumes e tradições, do que se denominou cultura popular – em contraponto à cultura erudita, oficial. As manifestações culturais esquecidas ou vulneráveis a esse processo passaram a ser reconhecidas e costumes que até então eram vistos como primitivos e

inferiores ganharam destaque no âmbito das ciências humanas após seu declínio e ameaça de extinção (BURKE, 2008).

Contrariando alguns pressupostos que afirmam que a cultura popular se estabelece em posição contrária à cultura erudita, o processo de construção da cultura popular está mais precisamente situado em um espaço de interdependências, no qual se alimenta de elementos da cultura dominante, realizando apropriações inventivas e em contrapartida oferecendo subsídios para novas representações (CHARTIER, 1995). Uma vez que, em vários momentos, a manutenção de determinada cultura tradicional foi vista como empecilho ao desenvolvimento, a cultura dominante apresenta estratégias para a fixação de um modelo cultural homogêneo, disciplinado e adequado às demandas de desenvolvimento e modernização de áreas mais afastadas de grandes centros. Nestes contextos, a cultura popular tradicional, vista como inferior e primitiva pela erudição, esteve no centro de conflitos nos quais se buscava controlar e normatizar suas práticas. Contudo, a cultura popular apresenta certa plasticidade e maleabilidade que garantiu sua resistência e adaptação aos processos que se constituíram, revelando-se, assim, um importante documento para a compreensão destes processos como um todo. A análise do fenômeno que se delinea na Comunidade do Camaroeiro se apresenta como oportunidade de observar a conjugação do processo que corresponde também às políticas de modernização do Brasil, que ganharam predominância a partir da década de 1950. Nessa perspectiva, é possível analisá-lo historicamente, vendo-o como documento atual, repleto de elementos e representações do passado.

A cultura caiçara

Estudos referentes à cultura caiçara têm sido desenvolvidos no âmbito das ciências humanas a partir da segunda metade do século XX. Um exemplo são os trabalhos realizados pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB), ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, que realiza pesquisas desde 1988, focando estas comunidades que se estabelecem

em regiões de cheias sazonais e que foram solapadas por processos de modernização, urbanização e industrialização do País. Essas populações sofrem com o aviltamento dos ecossistemas que habitam e de aculturação de seus costumes e tradições comuns (NUPAUB, [s.d.]). Neste sentido, voltar o olhar para essas comunidades, buscando compreender como processos externos, que irrompem no interior das comunidades, trazem modificações a seu modo de vida e suas experiências cotidianas, se justifica tanto pela relevância quanto pela urgência do tema, uma vez que este não se encontra esgotado de possibilidades de análise, visto que novas produções são apresentadas a cada ano, tanto no núcleo de pesquisa citado, quanto em inúmeras outras linhas de pesquisa pelo País.

A cultura caiçara, como cultura rústica (CANDIDO, 1987), apresenta em seus traços elementos que correspondem diretamente com sua origem. Como outros modelos culturais fechados existentes no Brasil (cultura caipira, por exemplo), a cultura caiçara se construiu a partir da convergência de elementos das culturas indígena, ibérica e negra. A partir de Marcílio (1986) e Diegues (2004, 2005), é possível definir que o processo de formação da cultura caiçara se inicia com a ocupação do solo e desenvolvimento de uma agricultura rústica, em contraponto à agricultura colonial de mão de obra escrava. Uma vez que no Litoral Norte foram instaladas fazendas de produção em larga escala, tomando conta das áreas mais privilegiadas, às camadas populares restaram áreas mais isoladas, ora próximas do mar, ora próximas do sertão. Dessa forma, apresentou-se o ambiente propício para o desenvolvimento de uma cultura fechada, tradicional e conservadora. Caracterizada pelo isolamento e pela constante ressignificação de elementos próprios a partir da estreita relação que se estabelece com o elemento urbano. A agricultura era realizada apenas para a subsistência, sendo a pesca a mais importante atividade econômica das comunidades, destinada ao consumo próprio, às trocas e à venda nos centros de cada localidade. “Os caiçaras fazem parte das populações brasileiras pobres e marginalizadas, apesar de terem mantido relações sociais e econômicas com as cidades da região.” (DIEGUES, 2005, p. 29). Possivelmente, o trabalho com a pesca seja o

elemento mais significativo em relação à produção de uma identidade caiçara. A estreita relação do caiçara com o mar se deve a este lugar prover parte de seu sustento e ser base para a urdidura de relações e trocas entre os indivíduos. É na relação com o mar que o caiçara expande seu território e sua territorialidade. A partir dos usos que estabelece do solo e do próprio mar, que ele desafia, ampliando suas apropriações do espaço.

A religiosidade popular, dentre os elementos da cultura caiçara, se revela repleta de significados, como produto da cultura popular e manifestação desta. Em Camaroeiro, a religiosidade popular é marcada pela convergência de elementos do catolicismo popular aliado a simbolismos referentes ao próprio cotidiano da comunidade, como o trabalho com a pesca. Neste sentido, a comunidade escolheu como santo de devoção São Pedro Pescador, devido às aproximações simbólicas que se estabelecem com suas representações. Neste sentido, essa devoção se desenvolve marcadamente pela construção de inúmeros novos elementos que convergem deste panorama inicial e que atribuem à religiosidade popular forte apelo emocional, pautados no sagrado e pouco alinhados à liturgia católica oficial. A socióloga Maria Isaura de Queiroz (1968), ao analisar o catolicismo rústico no Brasil, faz considerações importantes a respeito da relação que se estabelece entre o devoto e objeto de devoção. Segundo a autora, a relação do devoto com a imagem é uma relação concretizada, a imagem se revela como a presença material do objeto de devoção. Neste sentido, a imagem do santo agrega em si elementos materiais e imateriais, ou seja, estabelece uma relação direta entre o real e o simbólico (QUEIROZ, 1968).

Ao acendrado pragmatismo da religiosidade popular juntam-se também os fatores mágicos, e a eficácia da divindade é constantemente testada por meio de promessas para a obtenção de pedidos, ou mesmo a invocação perene de proteção por meio de 'breves', objeto de devoção formado por dois pequenos quadrados de pano bento, com orações escritas ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço. (CÂMARA NETO, 2002, p. 5).

Assim, desenvolve-se uma necessidade de aproximar os objetos de devoção da vida material, empregando características miraculosas e taumatúrgicas aos santos, às rezas e à divindade. Dessa forma, a devoção na religiosidade caiçara é marcada pela “intimidade” do devoto com a divindade, modelo afastado das práticas litúrgicas tradicionais, baseadas nos dogmas e premissas da Igreja. Neste contexto, as práticas religiosas populares se concentravam inicialmente no âmbito doméstico e irrompiam nos dias santos em rituais festivos como forma de recreação e socialização.

As festas religiosas foram um importante modo de sociabilidade na cultura caiçara. Segundo Marcílio:

[...] ao lado dos momentos de ruptura da rotina diária, quando ocorriam as grandes festas religiosas (e profanas) no cotidiano, os momentos de distração e sociabilidade dos solitários caiçaras se davam através da dança, do jogo, nas tavernas e nas fontes de água, sem se esquecer dos momentos de trabalho coletivo (os mutirões, derrubadas, de queimadas, as ‘campanhas’ de pesca da tainha...), todos eles fatores importantes e integração social da comunidade camponesa. (MARCÍLIO, 1986, p. 218).

Marcílio (1986) e Lima (1981) apontam ainda festas, folguedos e manifestações culturais típicas do universo caiçara como as Folias do Divino e de Reis, as Festas e procissões de *Corpus Christi*, devoções a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, nas quais se praticavam com frequência Congadas, Moçambiques, rodas de Bate-pé (batuque), Chiba, Fandango e Ciranda, e onde se organizavam espontaneamente rodas de conversa para contar casos e histórias. Entre estas manifestações, Marcílio (1986) destaca “[...] a festa de São Pedro padroeiro dos pescadores, com suas canoas que saíam de todas as praias para se encontrarem no porto da vila, onde havia missa solene [...]”, como parte importante do calendário de celebrações do povo caiçara. Uma antiga moradora do bairro Martim de Sá contou, em entrevista ao Projeto História Oral “Recontando Caraguá”, do Arquivo Público do Município de Caraguatatuba “Arino Sant’Ana de Barros” (APMC), o que suas memórias registraram das antigas

festas dedicadas a São Pedro Pescador.

Aí matava galinha, matava porco, tudo pra festejar a festa de São Pedro, né? E aquela gentarada pra dançar e cantar, tão bonito, né? Então aí ele fazia aquele putirão, senhora não conhece, mas é putirão [mutirão] que faz. Fazia tudo isso, enchia de gente [...]. Levantamento do mastro era uma, festa danada, muito gostoso aquele tempo. (ARQUIVO..., 2011).

Segundo o relatório do DRP e Banco de Projetos sobre a Comunidade do Camaroeiro (PETROBRAS, 2009), “[...] as manifestações locais são representadas por elementos ligados à religiosidade e tradição da pesca [...]”, sendo que a Festa de São Pedro foi realizada entre 1957 e 1977, depois de encontrada uma imagem de São Pedro em um dia comum de pesca. Após a morte de seu idealizador, Sebastião Isidoro, a festa deixou de ser realizada nos moldes tradicionais.

Transformações na cultura caiçara de Camaroeiro

Caraguatatuba sempre foi marcada no decorrer de sua história pelo grande fluxo de populações. Este contexto é importante para o processo de construção da cultura popular em Caraguatatuba. A cultura caiçara neste município não é hegemônica, sendo necessário salientar os processos imigratórios e emigratórios que influenciaram e influenciam na demografia e na configuração dos territórios e na confluência de uma pluralidade de modelos culturais. Em ocasião da Catástrofe em 1967, grande contingente deixou a cidade para se fixar em outras regiões, temendo novas tragédias como a ocorrida (CAMPOS, 2000). O movimento inverso também ocorre, principalmente pelo fato já apontado, por ser um local de passagem, o fluxo de pessoas sempre foi muito grande, e parte dessas pessoas acabava se fixando no local. Havia também o incentivo para a vinda de braços para trabalhar nas fazendas (destaque para a Fazenda São Sebastião ou Fazenda dos Ingleses) e na construção de estradas ou, como nos últimos anos, com a implantação da Unidade de Tratamento de Gás de Caraguatatuba (UTGCA) “Monteiro Lobato”, a partir

de 2009. Nestes casos, juntamente com a vinda de mão de obra especializada, havia um fluxo de pessoas que entravam no município em busca de alguma oportunidade de trabalho (PETROBRAS, 2009).

Aliado a esses processos, o acelerado processo de crescimento urbano é fator importante para as transformações que se apresentam na cultura popular em Caraguatatuba. As comunidades tradicionais, como a do Camaroeiro, foram impactadas diretamente pelo processo de expansão da urbanização que ocorreu no Brasil em meados do século XX. Como visto em Caraguatatuba, o processo foi ainda mais acelerado, devido também ao encerramento de atividades nas fazendas da região, ou sua substituição do modelo fruticultor pelo agropecuário, o que reduziu a necessidade de mão de obra (KOK, 2012). Já no início da década de 1950, sob o pretexto do controle do avanço da malária, as famílias da comunidade que habitavam na orla das praias próximas ao centro do município foram removidas, estabelecendo em uma região mais distante da praia, formando o bairro Ipiranga. No local onde ficavam seus casebres e ranchos de pesca em pouco tempo já iniciariam as obras de construção de edifícios-condomínio que receberiam turistas na época de alta temporada (PAES, 2003). Posteriormente, o estabelecimento de um entreposto de pesca seria a ligação mais próxima que a comunidade teria com o mar.

Como o Camaroeiro já era colado ao perímetro urbano, o que se percebeu, mesmo, foi a forte migração e o crescimento populacional. [Caraguatatuba] Com quase 15 mil habitantes em 1970, os pescadores assistiram a população local se multiplicar por cinco. O impacto desse crescimento, sim, foi relatado pelos entrevistados que viram a transformação da paisagem, a disputa pelo espaço e pelos recursos, e a poluição afetar diretamente suas vidas, sem contar a assimilação cultural moderna urbana que foi suprimindo a forma caiçara de visão de mundo. (PETROBRAS, 2009, p. 43).

Estes fatores vão ao encontro de muitos aspectos da vida material dessa comunidade, como as dificuldades que têm se apresentado em relação ao trabalho no mar. Fatores como a pesca industrial

em larga escala, cada vez mais próxima da costa, a implantação de áreas de proteção, como a Área de Proteção Ambiental (APA) Marinha do Litoral Norte, que incidiu em uma maior fiscalização por órgãos responsáveis, os períodos de defeso e o estabelecimento de concorrência entre a pesca artesanal e a pesca amadora têm tornado a prática pouco atrativa às novas gerações (PETROBRAS, 2009). Até mesmo alguns pescadores alternam entre a pesca e outras atividades, como a construção civil, artesanato etc. Do ponto de vista das políticas públicas, percebe-se que as decisões governamentais são responsáveis por empregar profundas transformações nos territórios das comunidades (FERNANDES, 2009). A partir de determinadas demandas e tomadas de decisões desde o âmbito governamental, as políticas públicas tornam-se muitas vezes responsáveis por desmembrar, deslocar, limitar, circunscrever e deteriorar os territórios dos caiçaras ao longo do tempo. As normas ambientais têm contribuído fortemente para processos de mudança e adaptação da cultura caiçara, lembrando que há neste contexto a delimitação e circunscrição a um espaço reduzido para sua atuação no trabalho com a pesca ou no aproveitamento de recursos naturais.

Entre os motivos que põem em risco a preservação da identidade caiçara em camaroeiro, o relatório do DRP (PETROBRAS, 2009), confirmado pelos estudos de Diegues (2004), aponta a evangelização protestante, aliada ao desenvolvimento urbano e o turismo como elementos que impactaram na difusão das manifestações culturais tradicionais do Camaroeiro, seja por sua coibição, seja pelo processo de acultramento que se desenvolve. Neste contexto, as frágeis estruturas da cultura caiçara, que mesmo como modelo de cultura conservadora, sofreu em Caraguatatuba as influências de culturas diversas nos processos migratórios, como o crescimento urbano acelerado e, atualmente, com a expansão de outras religiões e queda no número de seguidores do catolicismo.

Estes dados se refletem na vida cotidiana dos trabalhadores caiçaras da Comunidade do Camaroeiro. Segundo Edna do Espírito Santo de Assis (2012), é comum encontrar a imagem de São Pedro Pescador, que se encontra no Entrepasto de Pesca da Colônia de

Pescadores Z8 “Benjamin Constant” em Camaroeiro, virada de costas e o cartaz com os dizeres da Oração de São Pedro que é pregado no Entreposto, e buscando a proteção do santo nas saídas para alto-mar é frequentemente removida ou danificada. Ainda segundo os moradores católicos do local, a escassez de peixes e camarão, assim como as intempéries que têm se abatido sobre o trabalho, são frutos do “descaso” com que tem se tratado o santo padroeiro da comunidade. Neste sentido, o fenômeno que se apresenta em Caraguatatuba pode ilustrar o que diz Gaeta (1998) em seu estudo sobre a introdução do ultramontanismo no Brasil no início do século XX: “Enraizar o novo implica desmontar o velho.” Dessa forma, girar o santo e destruir orações se apresenta como uma materialização da negação do tradicional em prol de um ideal mais conservador e disciplinado da religião. Este fenômeno também se explica pelo movimento de crescente urbanização do município de Caraguatatuba. As análises dos resultados do censo 2010 (IBGE, 2011) apontam as regiões urbanas como pontos de maior crescimento e influência das religiões evangélicas em contraponto às zonas rurais, em que o catolicismo (pode-se dizer, popular) predomina. Finalmente, estes elementos apontam a gradual negação do modelo de religiosidade apresentado por Queiroz (1968), no qual o devoto estabelece uma relação estreitada com o sagrado, e o que se apresenta atualmente é o indivíduo que busca um distanciamento do objeto de devoção. Contudo, elementos de cordialidade nas relações entre os indivíduos ainda são bastante nítidos. O que se apresenta é a maioria dos indivíduos convertidos não possuírem uma religiosidade completamente arraigada, tendo compartilhado anteriormente dos usos e costumes da religiosidade popular. Isso se torna ponto determinante para a força com que se exerce a negação tradicional, assim como estabelece a construção de um espaço limiar entre as práticas, em que uma constante mescla de influências acontece e onde transitam indivíduos entre um lastro e outro, construindo talvez uma terceira forma de se posicionar em relação às práticas religiosas destes grupos.

Considerações finais

A partir deste pressuposto, é necessário definir os limites de uma cultura caiçara tradicional preservada e em que medida as influências de novos modelos culturais, e de todos os fatores mencionados, promove alterações nas construções simbólicas, subjetivas e objetivas a partir das demandas cotidianas da comunidade tradicional. Percebem-se mudanças estruturais a partir da década de 1950 que impactaram profundamente a Comunidade de Camaroeiro em Caraguatatuba.

Neste trabalho, buscou-se levantar algumas questões em relação às expressões culturais que envolvem o trabalho com a pesca, lazer e sociabilidade e as práticas religiosas, sendo que tais elementos da cultura caiçara são responsáveis em parte por definir sua territorialidade; nesse sentido, constata-se uma importante reconfiguração territorial desta comunidade. O impacto de políticas públicas pensadas para atender, sobretudo, demandas que interferem no modo de vida do caiçara também contribuem para que essas mudanças ocorram de forma mais acelerada, a exemplo dos incentivos ao turismo ou legislações ambientais que limitam seu território.

É evidente o intenso processo de declínio da cultura caiçara em Caraguatatuba, assim como o abandono de práticas e costumes até pouco tempo largamente difundidas. Contudo, alguns elementos, sejam eles materiais, sejam eles imateriais, persistem e são ressignificados e difundidos sob a iminência de novas configurações da comunidade tradicional, sendo necessária uma investigação mais profunda deste processo. Destacam-se formas peculiares de resistência que a comunidade elabora para preservar sua identidade frente às pressões para a adoção de um novo modo de vida. Neste caso, principalmente os conflitos pela memória são essenciais para que a comunidade se mantenha coesa, apesar do abandono de algumas práticas. Nota-se uma necessidade de uma parcela da comunidade em buscar respostas na devoção que possam indicar os motivos dessas mudanças, no caso atribuindo as dificuldades ao descaso com o

santo padroeiro. Dessa forma, estabelece-se a articulação da memória como campo de conflitos (LOWENTHAL, 1998; RICOEUR, 2012) também no campo do conhecimento, uma vez que a comunidade não se reconhece nas representações que se constroem a respeito da cultura caiçara. Dada as formas de apropriação dessa cultura na elaboração de lugares de memória (HALBWACHS, 1990; NORA, 1993), a comunidade não estabelece uma relação de pertencimento, pois, em grande parte, todo o processo de instituição de uma identidade do grupo é realizado sem a consulta ou participação deste e o cenário que se constrói não corresponde na prática à realidade desta comunidade. Este fator incorre na necessidade da comunidade de construir referências próprias a fim de fomentar a manutenção da própria identidade.

Nota

* Mestrando do programa de Pós-Graduação em História, com área de concentração em História e Historiografia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp). Pesquisa nas áreas de história regional e local e cultura popular.

Referências

ARQUIVO Público do Município de Caraguatatuba “Arino Sant’ Ana de Barros”. **Entrevista com Tereza de Jesus Cortez do Santo**. Transcrição – Projeto de História Oral “Recontando Caraguá”. Caraguatatuba: FUNDACC, 2011.

ASSIS, Edna do Espírito Santo de. Transcrição de entrevista realizada em 15 de agosto de 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. Diálogos sobre religiosidade popular. **Revista Ciências Humanas**. Taubaté: UNITAU,

v. 8, n. 2, jul.-dez. 2002. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/index.htm>>. Acesso em: 23 set. 2012.

CAMPOS, Jurandyr Ferraz. **Santo Antônio de Caraguatatuba: Memória e Tradições de um povo.** Caraguatatuba: FUNDACC, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CHARTIER, Roger. Cultural Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

D'ALÉSSIO, Márcia. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 97-103, set. 1992/ago. 1993.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Enciclopédia Caiçara – Vol. 1. O olhar do pesquisador.** São Paulo: HUICITEC/NUPAUB/CEC/USP, 2004.

_____. **Enciclopédia Caiçara – Vol. 4. História e Memória Caiçara.** São Paulo: HUICITEC/NUPAUB/CEC/USP, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a Tipologia de Territórios. In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, p. 183-202, 1998.

GIGLIOTTI, Claudilene Macedo da Costa; SANTOS, Moacir José dos. A expansão urbana de Caraguatatuba (1950-2010): uma análise das transformações sócio espaciais. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 46, p. 150-159, jun. 2013.

GOODY, Jack; WATT, Ian. **As consequências do Letramento**. São Paulo: Paulistana, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2012.

KOK, Glória. **Uma Fazenda Inglesa no universo caiçara**. São Paulo: Neotropica, 2012.

LIMA, Rossini Tavares de Lima. **O Folclore do Litoral Norte de São Paulo**. Rio de Janeiro: MEC/SEAC/FUNARTE/Instituto Nacional de Folclore; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; Taubaté: UNITAU, 1981.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara: Terra e População – Estudo de Demografia Histórica e da História Social de Ubatuba**. São Paulo: Paulinas; CEDHAL, 1986.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo: PUC/SP, n. 10, p. 7-28, 1993.

NUPAUB – Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras. **Apresentação**. [s.d.]. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/pt-br/apresentacao>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

PAES, Silvia Regina Paes. **Encontros e Desencontros: o turismo e os dois lados da viagem**. 2003. Tese (Doutorado) – UNESP, Araraquara, 2003.

PETROBRAS. Sistema de Produção e Escoamento de Gás e Condensado no Campo de Mexilhão, Bacia de Santos. Programa

da Ação Participativa para a Pesca Artesanal – Comunidade do Camaroeiro, Município de Caraguatatuba. **Relatório do DRP e Banco de Projetos**. Caraguatatuba: Petrobras, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 5, 1968.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em 23 de novembro de 2013.
Aprovado em 13 de dezembro de 2013.

Abstract

This article aims to analyze in a historical perspective the transformations and appropriations of Caiçara culture in Camaroeiro's Community from Caraguatatuba, North Coast of São Paulo, in the course of second half to the twentieth century and the beginning of twenty-first century. At the last decades the caiçara culture experienced great transformations, mainly in their factor more patent, the work with fishery and the relation of caiçara with the sea. In this changes process, some factors were decisive for this phenomenon in Caraguatatuba town, as accelerated urbanization from the 1950s. In this context, the changes in the landscape, in society and the economy, caused different modes of appropriation this culture. That way, this article aims to analyze how these phenomenons impacted caiçara's daily life, the relations and their ways of life, establishing methodological and theoretical dialogue as from the convergence of common themes that comprise the History and Humanities.

Keywords: Caiçara culture. Camaroeiro's Community. Transformations.